



# Relatório Macroeconômico

4º Trimestre 2025

## Eventos Relevantes de 2025

### Janeiro

20/01 Posse de Donald Trump  
29/01 Reunião do Copom para decisão de juros.  
Expectativa = + 100pbs  
29/01 Manutenção de juros do Fed

### Fevereiro

01/02 Eleição dos presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado (Brasil)  
23/02 Eleições na Alemanha

### Março

**05/03** *National People's Congress* (NPC) dará início à 3ª sessão anual na China.  
**07/03** PIB do 4º Trimestre de 2024 (Brasil).  
**19/03** Reunião do Copom para decisão de juros.  
Expectativa = + 100pbs.  
**20/03** 1º Relatório Bimestral de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias (Brasil);  
**Aprovação do Orçamento de 2025 (Brasil);**  
**Orçamento chinês para 2025;**  
**Negociações salariais do Shunto japonês;**  
**Prazo final para o projeto de lei de dotações nos EUA;**  
**Reforma Ministerial (Brasil).**

### Abril

**02/04** Entrega de estudos sobre comércio exterior pelo governo de Donald Trump (EUA).  
**15/04** Envio da Lei de Diretrizes Orçamentárias 2026 para o Congresso e das Metas Primárias (Brasil).  
**Mudança no governo francês?**

### Maiο

**07/05** Reunião do FOMC, manutenção dos juros em 4,5%. Reunião do Copom para decisão de juros.  
Expectativa = + 50pbs.  
**20/05** 2º Relatório Bimestral de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias (Brasil).  
**30/05** PIB do 1º Trimestre de 2025 (Brasil).

### Junho

**01/06** Eleição extraordinária do poder judiciário do México.  
**05/06** ECB encerra o ciclo de cortes de juros com taxa de 2,00% a/a.  
**18/06** Reunião do Copom para decisão de juros.  
Expectativa = alta da Selic para 15,00% a.a.

### Julho

**15/07 – 31/07** Recesso Parlamentar no Brasil.  
**21/07** 3º Relatório Bimestral de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias (Brasil).  
**30/07** Reunião do Copom para decisão de juros.  
Expectativa = manutenção da Selic em 15,00% a.a.  
**30/07** FOMC manutenção dos juros em 4,5%.

### Agosto

**06/08** Início das tarifas de 50% sobre produtos brasileiros.  
**31/08** Envio do Orçamento 2026 para o Congresso.  
**Prazo limite para definir a extensão do Teto da Dívida - EUA.**

### Setembro

**02/09** PIB do 2º Trimestre de 2025 (Brasil).  
**17/09** Reunião do Copom para decisão de juros.  
Expectativa = manutenção da Selic em 15,00% a.a.  
**17/09** FOMC. Expectativa = -25pbs.  
**23/09** 4º Relatório Bimestral de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias (Brasil).

### Outubro

**26/10** Eleição legislativa da Argentina.  
**29/10** Decisão de juros FOMC. Expectativa = manutenção dos juros no intervalo entre 4,00% e 4,25%.

### Novembro

**05/11** Decisão de juros COPOM. Expectativa = manutenção da Selic em 15%.  
**25/11** 5º Relatório Bimestral de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias (Brasil);  
**Primeiro turno das eleições chilenas.**

### Dezembro

**04/12** PIB do 3º Trimestre de 2025 (Brasil).  
**10/12** Decisão de juros COPOM. Expectativa = -50pbs.  
**10/12** Decisão de juros FOMC. Expectativa = -25bps.  
**10/12** Limite para aprovação do Orçamento 2026 (Brasil);  
**2ª quinzena** Recesso Parlamentar (Brasil).  
**31/12** A Lei de Cortes de Impostos e Emprego de 2017 expira (prazo para acordo orçamentário) nos EUA.

## **Global: transição para novo equilíbrio e fim da expansão**

No quarto trimestre de 2025, a economia global apresentou resiliência da atividade, sobretudo nas economias avançadas, impulsionada pelo setor de serviços e pela ausência de retaliações amplas à nova estratégia comercial dos Estados Unidos. Esse desempenho reduziu a percepção de risco de recessão e sustentou revisões positivas para o crescimento, mas limitou o processo de desinflação, mantendo a inflação acima das metas dos principais bancos centrais. Como consequência, consolidou-se um ambiente de juros reais estruturalmente elevados, superiores à média histórica, com condições financeiras restritivas e maior exigência na alocação de capital.

Para além disso, o cenário macroeconômico passou a ser dominado pela intensificação da “Guerra Fria Econômica”, com os EUA aprofundando o desacoplamento em relação à China e ampliando sua atuação geopolítica para assegurar acesso a recursos estratégicos e redefinir zonas de influência, especialmente no continente americano. Essa inflexão geopolítica ocorre em meio à fragilidade fiscal dos EUA e às vésperas das eleições de meio de mandato, elevando a incerteza global para 2026 e reforçando a leitura de que, apesar de cortes de juros no curto prazo, o regime de médio e longo prazo será de taxas terminais mais altas nas economias desenvolvidas, exigindo prudência fiscal e monetária, especialmente nos mercados emergentes.

## **Estados Unidos: Moderação Cíclica, Inflação Resiliente e Política Monetária sob Pressão**

Ao longo do período, a economia americana permaneceu em expansão, mas com sinais mais claros de moderação típica de fim de ciclo. O crescimento continuou sustentado por consumo resiliente, salários reais em melhora e renda do trabalho ainda robusta, enquanto o mercado de trabalho passou por um processo de normalização, marcado pela desaceleração das contratações e sem haver um aumento expressivo das demissões. Ao mesmo tempo, a atividade perdeu tração em segmentos mais cíclicos, sobretudo na manufatura, que seguiu em território de contração, enquanto o setor de serviços manteve desempenho mais resiliente. Indicadores como vendas no varejo e relatórios privados de emprego reforçaram a leitura de arrefecimento gradual da demanda.

No front inflacionário, o trimestre confirmou que o processo de desinflação segue incompleto e lento. CPI e PCE encerraram o período ainda próximos de 2,7%-2,9% a/a, acima da meta de 2%, apesar de leituras pontuais abaixo das expectativas. O repasse das tarifas de importação aos preços mostrou-se mais gradual do que o inicialmente temido, mas pesquisas com empresas indicaram pressões de custos persistentes, mantendo o risco de repasses adicionais à frente. Esse quadro sustentou o dilema central do Federal Reserve: embora o enfraquecimento gradual da atividade e do mercado de trabalho abra espaço para cortes, a inflação resiliente impõe limites à velocidade e à magnitude do afrouxamento.

Em termos de política monetária, o Fed optou por um ciclo cauteloso e altamente dependente de dados. Após o corte de 25 pontos-base em outubro, a autoridade voltou a reduzir os juros em dezembro, levando os Fed Funds para o intervalo de 3,50%-3,75%. Ainda assim, o comitê seguiu dividido, refletindo diferentes ponderações entre inflação e emprego. Adicionalmente, o contexto institucional ganhou relevância, onde, o trimestre foi marcado pelo shutdown prolongado, que dificultou a leitura conjuntural, e pelo aumento das pressões políticas sobre o Fed, em meio ao debate sobre a sucessão da presidência da autoridade monetária em 2026.

O encerramento do ano reforçou a expectativa de que, apesar de um possível viés mais dovish com a nova composição do comitê em 2026, o espaço para cortes adicionais será limitado, com projeção de apenas um novo

corte ao longo do ano. O elevado endividamento público, a inflação ainda acima da meta, a necessidade de preservar a credibilidade da política monetária e o ambiente político conturbado, devido as eleições legislativas à frente, indicam que o Fed seguirá priorizando decisões técnicas, cautela na comunicação e forte atenção à ancoragem das expectativas.

## **Zona do Euro: Crescimento Acima do Potencial e Política Monetária Estável**

Ao longo do quarto trimestre de 2025, a economia da Zona do Euro confirmou um quadro de resiliência acima do potencial, com crescimento sustentado principalmente pelo setor de serviços, apoiado pela elevação dos salários reais e por um mercado de trabalho historicamente apertado. O PIB cresceu 1,3% a/a no terceiro trimestre, acima do crescimento estimado, o segmento de serviços seguiu em expansão contínua, sustentando a atividade agregada. Ao final do ano, houve inclusive sinais de recuperação da produção industrial, reforçando a leitura de estabilização cíclica.

No front inflacionário, o trimestre consolidou a convergência da inflação para a meta, com o CPI encerrando dezembro em 2,0% a/a e o núcleo em torno de 2,3% a/a. Esse comportamento, combinado com a atividade aquecida, levou o Banco Central Europeu a manter a taxa de juros em 2%, reiterando que a política monetária está em um nível compatível com o balanço de riscos. A comunicação seguiu estritamente dependente de dados, sem sinalização de cortes no curto prazo, com o consenso de mercado deslocando o início de um novo ciclo de flexibilização para, ao menos, o primeiro semestre de 2026 e, mais recentemente, para além desse horizonte.

Do ponto de vista de riscos, o BCE reconheceu a redução das pressões inflacionárias domésticas, mas manteve atenção elevada a fatores externos, como eventuais novas tarifas dos EUA, rupturas nas cadeias globais de suprimento e tensões geopolíticas. A leitura predominante ao fim de 2025 é de que a economia europeia permanece “em um bom lugar”, com crescimento moderado, inflação controlada e política monetária estável, cenário que sustenta a manutenção dos juros em 2% ao longo de 2026.

## **China: Desaceleração Cíclica, Deflação Persistente e Redirecionamento Estratégico do Comércio Exterior**

Ao longo do trimestre, a economia chinesa entrou em uma fase mais clara de desaceleração cíclica, em meio à transição estrutural para um modelo de crescimento baseado em eficiência, produtividade e autossuficiência tecnológica. O PIB desacelerou para 4,8% a/a no terceiro trimestre, refletindo o excesso de capacidade produtiva, o acúmulo de estoques e a persistente fragilidade do setor imobiliário. A atividade industrial perdeu tração, com o PMI de manufaturas oscilando em torno da fronteira de contração, enquanto o setor de serviços permaneceu em expansão, sustentando o crescimento agregado. Apesar desse ambiente desafiador, a economia manteve trajetória compatível com a meta anual de crescimento, às vésperas da definição do 15º Plano Quinquenal (2026–2030).

O principal desafio macroeconômico do período foi a persistência das pressões deflacionárias, apesar de sinais pontuais de alívio. O deflator do PIB permaneceu em território negativo pelo décimo trimestre consecutivo, evidenciando a dificuldade de reancoragem dos preços em um ambiente de excesso de oferta. Em novembro, a inflação ao consumidor surpreendeu positivamente com leve alta anual após meses de deflação, mas sem alterar o diagnóstico de desinflação prolongada. Diante disso, o Banco Popular da China manteve as taxas de juros estáveis, priorizando estímulos fiscais e crédito direcionado, como o pacote fiscal de RMB 1 trilhão e a aceleração da

implementação de linhas de crédito estratégicas, em alinhamento com a política de “anti-involution”, voltada à redução da competição predatória e à consolidação industrial.

No front externo, houve sucesso da estratégia chinesa de redirecionamento comercial, especialmente após a intensificação da guerra tarifária com os Estados Unidos. Embora as exportações para os EUA tenham sofrido forte retração e passado a representar menos de 10% do total em 2025, a China conseguiu manter o ritmo de crescimento das exportações por meio do fortalecimento das vendas para Ásia, União Europeia, América Latina, África e Oceania. Em dezembro, as exportações cresceram 6,6% a/a, evidenciando a capacidade de adaptação da economia chinesa às restrições comerciais. Assim, apesar dos desafios, o período encerra com a China alcançando a meta de crescimento de 5% em 2025, sustentada por estímulos fiscais, resiliência do setor externo e foco estratégico na consolidação de sua influência no comércio internacional.

## **Brasil: Política Monetária Restritiva, Desaceleração Gradual e Ano Eleitoral no Radar**

Ao longo do período, consolidou-se no Brasil um cenário de política monetária altamente restritiva mantida por tempo prolongado, com o Banco Central reafirmando reiteradamente a Selic em 15% a.a. e afastando a possibilidade de cortes no curto prazo. Apesar de um tom gradualmente menos duro na comunicação, refletindo a desaceleração da atividade e o arrefecimento da inflação, especialmente nos preços livres, o Copom avaliou que o enfraquecimento observado é compatível com o cenário base e ainda insuficiente para permitir flexibilização. A taxa real ex-ante próxima de 9,5%, bem acima do juro neutro estimado, seguiu garantindo a trajetória de desinflação, mas também aprofundando o caráter contracionista do ciclo vigente.

No campo inflacionário, o período foi marcado por desaceleração consistente dos índices, com o IPCA recuando para 4,26% a/a em dezembro e encerrando 2025 dentro do intervalo de tolerância da meta, eliminando a necessidade de carta explicativa do Banco Central. As expectativas de inflação continuaram cedendo, sobretudo no horizonte mais longo, enquanto fatores de curto prazo reforçaram um viés benigno para os preços. Ainda assim, a inflação de serviços permaneceu mais resistente, condicionando a estratégia do Bacen e dificultando uma sinalização clara de cortes já no início de 2026, apesar do efeito contracionista do aperto monetário só ter se tornado mais evidente a partir do terceiro trimestre de 2025.

A atividade econômica apresentou desaceleração gradual e o PIB do terceiro trimestre praticamente estagnou na margem, com arrefecimento concentrado em serviços e consumo das famílias, enquanto o mercado de trabalho permaneceu apertado, sustentando renda e impedindo uma desaceleração mais abrupta. No plano fiscal e político, o período foi marcado pela aprovação de medidas relevantes, como a isenção de IR até R\$ 5 mil, considerada neutra do ponto de vista fiscal, mas também por frustrações de arrecadação e por um ambiente legislativo carregado.

Às vésperas de 2026, as expectativas com o ano eleitoral começam a surgir, onde, a tendência para o cenário doméstico passa a ser maior volatilidade, especialmente no câmbio, com o processo político se tornando uma fonte central de incerteza. Ainda assim, a principal convicção direcional que emerge é o início do ciclo de cortes de juros ao longo de 2026, provavelmente de forma cautelosa e condicionada à ancoragem das expectativas e à evolução da inflação de serviços.

## América Latina

**CHILE:** Ao longo do período, o Banco Central do Chile reduziu a taxa básica de 4,75% para 4,50%, em meio a um cenário de inflação ainda acima da meta, incerteza externa e moderação da atividade. A decisão preserva o tom cauteloso da autoridade monetária, que sinaliza continuidade gradual do ciclo de flexibilização à medida que a inflação converge para 3% e o balanço de riscos melhora. No campo político, o processo eleitoral culminou na vitória do candidato da direita, com posse prevista para 11 de março de 2026; a mudança de administração reforça a expectativa de mais dois cortes de 25 bps no 1º trimestre de 2026, levando a taxa terminal a 4,0%, condicionada à evolução da inflação e do quadro externo.

**COLÔMBIA:** O período foi marcado pela forte resiliência da demanda interna, com crescimento robusto do consumo e do investimento, ao mesmo tempo em que a inflação continuou surpreendendo para cima e as expectativas se afastaram da meta. Esse quadro levou o Banco Central a manter a taxa de juros em 9,25% ao longo do trimestre, apesar das pressões políticas e do início do ciclo eleitoral. As contas externas mostraram deterioração, com déficit comercial mais amplo, e o ambiente político se tornou mais tenso, especialmente nas relações com os Estados Unidos. À frente, embora haja espaço potencial para um ciclo de cortes ao longo de 2026, o calendário eleitoral, o desafio fiscal e a persistência das pressões inflacionárias tendem a postergar a flexibilização monetária, condicionando as decisões à agenda econômica da próxima administração.

**MÉXICO:** A dinâmica foi caracterizada por desaceleração da atividade econômica, com contração no PIB do terceiro trimestre, especialmente na indústria, contrastando com uma inflação que, embora abaixo de 4%, permaneceu pressionada em serviços. Esse mix reforçou a leitura de que há espaço para continuidade dos cortes de juros, ainda que de forma cautelosa. O Banco Central sinalizou disposição para reduzir gradualmente a taxa básica, mas revisou para cima as projeções de inflação, refletindo a desaceleração mais lenta dos preços de serviços. No horizonte de 2026, a política monetária passou a incorporar riscos relevantes associados à renegociação do USMCA e à postura mais assertiva dos Estados Unidos em relação à América Latina, fatores que aumentam a incerteza externa e tendem a limitar a velocidade do afrouxamento monetário, apesar do espaço técnico ainda existente.

**Tabela 1: Indicadores Financeiros (janelas acumuladas até dezembro de 2025)**

| ÍNDICES                                   | TRIMESTRE | ANO     | 12 M    | 24 M   | 36 M    | 48 M   | 60 M   |
|-------------------------------------------|-----------|---------|---------|--------|---------|--------|--------|
| CDI                                       | 3,59%     | 14,31%  | 14,31%  | 26,74% | 43,28%  | 61,01% | 68,09% |
| IMA-S                                     | 3,62%     | 14,55%  | 14,55%  | 27,28% | 44,14%  | 62,51% | 70,10% |
| IDA-DI (CRÉDITO PRIVADO)                  | 3,43%     | 16,05%  | 16,05%  | 30,54% | 47,14%  | 68,56% | 81,34% |
| IMA-B                                     | 3,42%     | 13,17%  | 13,17%  | 10,41% | 28,13%  | 36,29% | 34,57% |
| IRF-M                                     | 3,37%     | 18,22%  | 18,22%  | 20,41% | 40,29%  | 52,67% | 49,63% |
| DÓLAR                                     | 3,46%     | -11,14% | -11,14% | 13,66% | 5,46%   | -1,40% | 5,88%  |
| IBOVESPA (AÇÕES BRASIL)                   | 10,18%    | 33,95%  | 33,95%  | 20,08% | 46,83%  | 53,71% | 35,38% |
| MSCI WORLD (AÇÕES GLOBAIS)                | 6,43%     | 6,17%   | 6,17%   | 58,89% | 79,51%  | 35,17% | 74,38% |
| NASDAQ (AÇÕES EUA COM FOCO EM TECNOLOGIA) | 5,84%     | 6,95%   | 6,95%   | 75,97% | 134,18% | 46,48% | 90,94% |
| S&P 500                                   | 5,88%     | 3,42%   | 3,42%   | 63,11% | 88,02%  | 41,62% | 92,97% |
| MSCI WORLD (Moeda original)               | 2,87%     | 19,49%  | 19,49%  | 39,80% | 70,22%  | 37,09% | 64,70% |
| NASDAQ (Moeda original)                   | 2,31%     | 20,36%  | 20,36%  | 54,83% | 122,06% | 48,56% | 80,33% |
| S&P 500 (Moeda original)                  | 2,35%     | 16,39%  | 16,39%  | 43,52% | 78,29%  | 43,63% | 82,25% |

Fonte: Quantum. Elaboração: Backoffice i9.

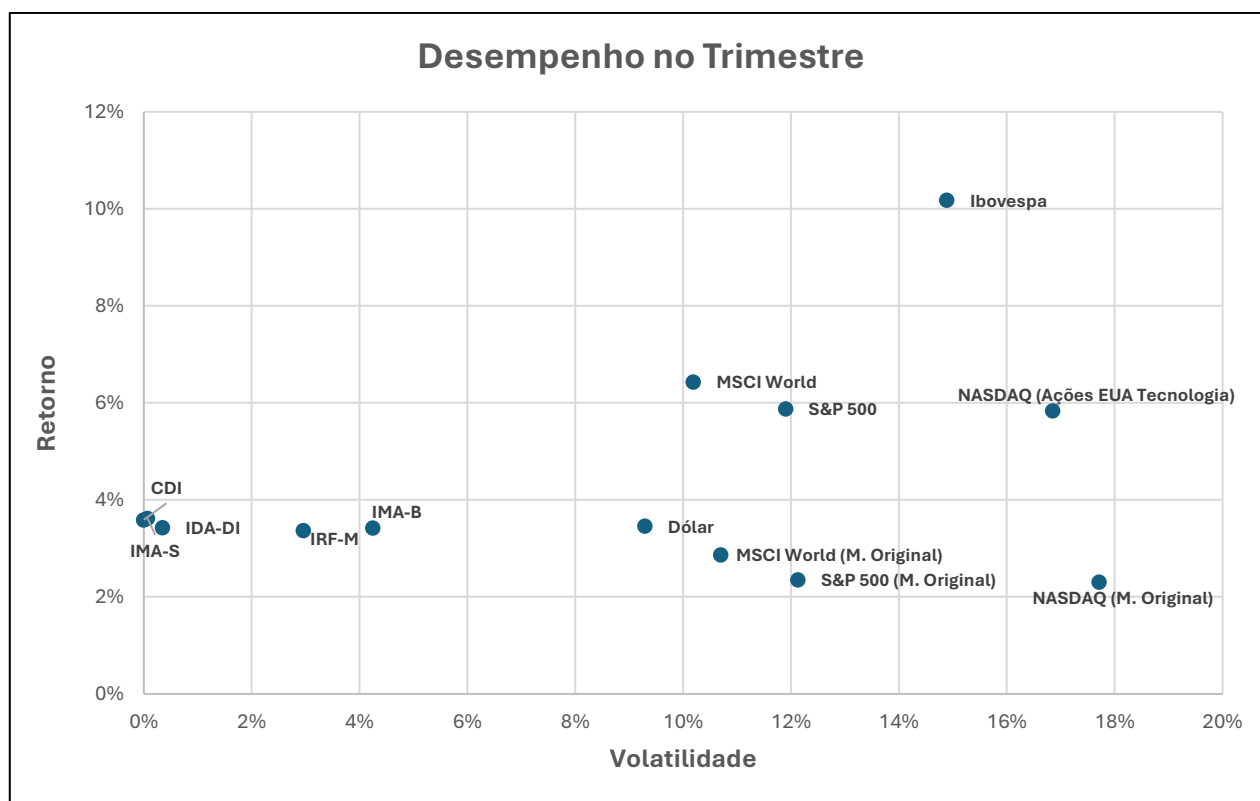
**Tabela 2: Indicadores Financeiros (janelas mensais - últimos 12 meses)**

|                               | 2025   |        |        |        |       |        |        |        |        |       |        |        |
|-------------------------------|--------|--------|--------|--------|-------|--------|--------|--------|--------|-------|--------|--------|
|                               | Jan    | Fev    | Mar    | Abr    | Mai   | Jun    | Jul    | Ago    | Set    | Out   | Nov    | Dez    |
| CDI                           | 1,01%  | 0,99%  | 0,96%  | 1,06%  | 1,14% | 1,10%  | 1,28%  | 1,16%  | 1,22%  | 1,28% | 1,05%  | 1,22%  |
| IMA-S                         | 1,10%  | 0,99%  | 0,96%  | 1,05%  | 1,16% | 1,11%  | 1,30%  | 1,17%  | 1,24%  | 1,29% | 1,06%  | 1,23%  |
| IDA-DI (Crédito Privado)      | 1,58%  | 1,29%  | 1,26%  | 1,18%  | 1,38% | 1,19%  | 1,42%  | 1,10%  | 1,19%  | 1,08% | 1,10%  | 1,21%  |
| IMA-B                         | 1,07%  | 0,50%  | 1,84%  | 2,09%  | 1,70% | 1,30%  | -0,79% | 0,84%  | 0,54%  | 1,05% | 2,04%  | 0,31%  |
| IRF-M                         | 2,58%  | 0,61%  | 1,39%  | 2,99%  | 1,00% | 1,78%  | 0,29%  | 1,66%  | 1,26%  | 1,37% | 1,67%  | 0,30%  |
| DÓLAR                         | -5,85% | 0,32%  | -1,82% | -1,42% | 0,85% | -4,41% | 2,66%  | -3,14% | -1,99% | 1,24% | -0,94% | 3,16%  |
| IBOVESPA (Ações Brasil)       | 4,86%  | -2,64% | 6,08%  | 3,69%  | 1,45% | 1,33%  | -4,17% | 6,28%  | 3,40%  | 2,26% | 6,37%  | 1,29%  |
| MSCI WORLD (Ações Globais)    | -2,58% | -0,50% | -6,38% | -0,69% | 6,58% | -0,38% | 3,92%  | -0,72% | 1,04%  | 3,20% | -0,76% | 3,91%  |
| NASDAQ (Ações EUA Tecnologia) | -3,76% | -2,45% | -9,37% | 0,08%  | 9,97% | 1,59%  | 5,10%  | -2,31% | 3,31%  | 6,07% | -2,56% | 2,41%  |
| S&P 500                       | -3,31% | -1,11% | -7,47% | -2,17% | 7,05% | 0,33%  | 4,88%  | -1,29% | 1,48%  | 3,53% | -0,81% | 3,11%  |
| MSCI WORLD (M. original)      | 3,47%  | -0,81% | -4,64% | 0,74%  | 5,69% | 4,22%  | 1,23%  | 2,49%  | 3,09%  | 1,94% | 0,18%  | 0,73%  |
| NASDAQ (M. original)          | 2,22%  | -2,76% | -7,69% | 1,52%  | 9,04% | 6,27%  | 2,38%  | 0,85%  | 5,40%  | 4,77% | -1,64% | -0,73% |
| S&P 500 (M. original)         | 2,70%  | -1,42% | -5,75% | -0,76% | 6,15% | 4,96%  | 2,17%  | 1,91%  | 3,53%  | 2,27% | 0,13%  | -0,05% |

Fonte: Quantum. Elaboração: Backoffice i9.

**Tabela e Gráfico (Risco x Retorno): Desempenho Indicadores Financeiros - 4º Trimestre**

| Índices                       | Retorno | Volatilidade (Anualizada) |
|-------------------------------|---------|---------------------------|
| Ibovespa                      | 10,18%  | 14,89%                    |
| MSCI World                    | 6,43%   | 10,19%                    |
| S&P 500                       | 5,88%   | 11,90%                    |
| NASDAQ (Ações EUA Tecnologia) | 5,84%   | 16,85%                    |
| IMA-S                         | 3,62%   | 0,07%                     |
| CDI                           | 3,59%   | 0,00%                     |
| Dólar                         | 3,46%   | 9,29%                     |
| IDA-DI                        | 3,43%   | 0,35%                     |
| IMA-B                         | 3,42%   | 4,25%                     |
| IRF-M                         | 3,37%   | 2,96%                     |
| MSCI World (Moeda Original)   | 2,87%   | 10,70%                    |
| S&P 500 (Moeda Original)      | 2,35%   | 12,13%                    |
| NASDAQ (Moeda Original)       | 2,31%   | 17,71%                    |



Fonte: Quantum. Elaboração: Backoffice i9.

#### **DISCLAIMER**

A presente Nota Macroeconômica ("Nota") foi elaborada pelo economista-chefe da i9 Advisory e não se configura como um relatório de análise para fins de Resolução CVM nº 20, de 25 de fevereiro de 2021. Neste sentido, a Nota reflete única e exclusivamente as opiniões do economista-chefe em relação ao conteúdo apresentado.

O objetivo meramente informativo da Nota não deverá ser interpretado como uma oferta ou solicitação de oferta para aquisição de valores mobiliários ou a venda de qualquer instrumento financeiro. Este material não leva em consideração os objetivos, planejamento estratégico, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer investidor em particular.

Destacamos que as informações contidas na Nota foram obtidas por meio de fontes públicas consideradas seguras e confiáveis na data em que o material foi divulgado. Entretanto, apesar da diligência na obtenção das informações apresentadas, as projeções e estimativas contidas na Nota não devem ser interpretadas como garantia de performance futura pois estão sujeitas a riscos e incertezas que podem ou não se concretizar. Neste sentido, não apresentamos nenhuma garantia acerca da confiabilidade, exatidão, integridade ou completude (expressas ou não) dessas mesmas informações abordadas.

A i9 Advisory não se obriga em publicar qualquer revisão ou atualizar referidas projeções e estimativas frente a eventos ou circunstâncias que venham a ocorrer após a data deste documento. Ademais, ao acessar o presente material, o interessado compreende dos riscos relativos ao cenário macroeconômico abordado nesta Nota.

Por último, a i9 Advisory e/ou qualquer outra empresa de seu grupo econômico não se responsabiliza por qualquer decisão do investidor que forem tomados com base nas informações aqui divulgadas, nem por ato praticado por profissionais por ele consultados e tampouco pela publicação acidental de informações incorretas. A i9Advisory informa que potenciais investidores devem buscar aconselhamento financeiro profissional sobre a adequação do investimento em valores mobiliários ou outros investimentos e estratégias discutidas